

Mito de artista: Franklin Joaquim Cascaes*

ALINE CARMES KRÜGER

■ 118

Aline Carmes Krüger é mestre em Artes Visuais – Programa de Pós Graduação em Artes Visuais – PPGAV da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, sob orientação da prof. dra. Sandra Makowiecky. email: aline.ckruger@gmail.com

* Artigo requisitado para o Seminário *O Mito na Imagem do Artista*, ministrado pelo prof. dr. Antônio Vargas, no Mestrado em Artes Visuais, PPGAV – CEART, UDESC.

■ RESUMO

Franklin Joaquim Cascaes nasceu no município de São José, no bairro de Itaguaçu (hoje pertencente ao município de Florianópolis - SC), no dia 16 de outubro de 1908, vindo a falecer em março de 1983. Cascaes, no seu trabalho de pesquisa nas colônias pesqueiras, conversava, anotava, pintava e modelava. Este artigo apresenta a proposta de identificar a construção mítica da identidade artística de Franklin Joaquim Cascaes. A metodologia utilizada para a apreensão do mito em Cascaes é a proposta por Durand, ou seja, a realização de análise do discurso do artista e da crítica. A análise apresentada é a fala do próprio artista e o capítulo da tese de Araujo, intitulado *Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha*.

■ PALAVRAS-CHAVE

Cascaes. Artista. Mito.

■ ABSTRACT

This paper presents a proposal to identify the myth as a reference in the construction of artistic identity of Franklin Joaquim Cascaes. The methodology used for the seizure of Cascaes myth is that proposed by Durand, the realization of speech analysis and critique of the artist. The analysis is the speech of the artist and the chapter of the thesis of Allen, entitled *Franklin Cascaes, the living myth of the Island*.

■ KEYWORDS

Cascaes. Artist. Myth.

119 ■

Conhecer os mitos é compreender o segredo da origem das coisas.

(ELIADE, 1986, p. 18)

Na mitologia grega, Zeus, chamado de pai dos deuses e dos homens, é casado com Hera, a então rainha dos deuses. Zeus e Hera tiveram filhos, uma diversidade de divindades. Mas Zeus também teve filhos com outras deusas. As Musas, filhas de Zeus e Mnémosis, a deusa da memória, eram em número de nove, cada uma tinha seu encargo, ou no ramo da literatura ou das artes: “Calíope era a musa da poesia épica, Clio da história, Euterpe do canto lírico, Melpômene da tragédia, Terpsícore da dança, Érato da poesia erótica, Polínia da poesia sacra, Urânia da astronomia e Tália da comédia” (BULFINCH, 2000, p. 15). Mas Hera, a esposa de Zeus, não aceitava suas amantes e geralmente dava-lhes um castigo. Como vingança, Hera mandou construir uma casa onde ficariam aprisionadas as Musas. Esta nova morada passou-se a chamar Museu, a casa das filhas da Memória.

E é em um Museu que podemos encontrar a Coleção Professora Elizabeth Pavan Cascaes, constituída de desenhos, esculturas e manuscritos de Franklin Joaquim Cascaes, artista analisado nesta pesquisa. Este conceito mitológico, vinculado ao imaginário, mistificando seu acervo e mesmo a instituição Museu, ainda hoje no senso comum é vislumbrado. Embora não seja explorado neste trabalho o fato da presença mítica em artistas institucionalizados em um Museu, gostaríamos de aqui citá-lo e quem sabe aguçar o interesse de pesquisadores a pensarem esta questão.

Franklin Joaquim Cascaes se coloca como ponto de partida desta investigação. Sua preocupação referencia o cotidiano da população local e as modificações que estavam ocorrendo na segunda metade do século XX na cidade de Florianópolis. Seu talento e representatividade são argumentos importantes, no entanto, é preciso ir além disto. Foi em meio aos trabalhos de preservação do acervo do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – principalmente a catalogação, higienização e digitalização das obras – que se descobriu todo um conjunto de documentos, imagens e manuscritos do artista. Durante este trabalho, descobriu-se um pouco da sua história, alguns de seus relatos, as características de suas esculturas e de seus desenhos. Neste sentido, surgiu a necessidade de um conhecimento mais aprofundado em relação à obra e ao artista, pois “o que move o homem a interpretar a obra é o seu desejo de conhecer algo sobre quem a fez, ou seja, sobre o homem que realizou a obra” (VARGAS, 2004-2005, p. 22).

Neste artigo faremos a análise do mito do artista por meio do discurso do próprio artista e de sua crítica, no caso específico, o livro *Mito e magia na arte catarinense* de Adalice Maria de Araujo. Portanto, de acordo com a proposta desenvolvida por Durand e apresentada por Antonio Vargas, as narrativas analisadas são “as falas de artistas e de críticos sobre as obras ou sobre as práticas e comportamentos artísticos” (VARGAS, 2005, p. 71).

■ 120

As representações das histórias narradas por Franklin Joaquim Cascaes são elaboradas a partir de imagens, crenças e mitos. Assim, podemos observar que durante a produção artística de Cascaes, o mito manteve-se vivo, “no sentido de oferecer os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação simbólica à existência” (ELIADE, 1986, p. 8). É a presença deste mito, que agrega valores simbólicos a imagem do artista, e a ação do mito do herói na construção social desta imagem que estudaremos. Segundo Mircea Eliade, “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 1986, p. 11). Neste caso, a abordagem do mito é observada no processo de identificação do indivíduo com a figura simbólica do herói.

Para Cascaes o “Mito heróico indica a passagem do estado de barbárie para o de civilização” (CASCAES, Manuscrito 411, p. 4). Para Araujo, “as raízes do mito estão no inconsciente do ser humano” (ARAUJO, 2008, p. 35). Nader, ao definir o termo mito nos apresenta diferentes significações:

El término mito es ambiguo y puede ser abordado desde múltiples perspectivas. Algunos piensan em El mito solo como um cuento, o una leyenda, o una narración tradicional. Para otros, el mito será considerado como una etapa precientífica del hombre [...] un mito és uma historia, um relato dotado de uma estrutura dramática y um desenlace, como dijo Aristóteles: un principio, un desarrollo y un final. La construcción de um mito es una forma de explicar una historia (NADER, s/d, p. 141).

Nader nos esclarece que a vida do ser humano se desenvolve através de dois polos simbólicos: nascer e morrer. Para isso sempre buscamos um sentido e uma explicação: todos precisamos enfrentar a morte e, vivendo a vida, precisamos descobrir o que somos.

Para Eliade o mito assinala uma história verdadeira, sagrada, exemplar e significativa:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir [...]. É sempre, portanto, a narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (ELIADE, 1986, p. 11).

Compreendemos assim que o que nós, seres humanos, temos em comum está revelado nos mitos. São histórias de buscas, de origens, de sentidos, de significação. Os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história “é significativa, preciosa e exemplar” (ELIADE, 1986, p. 22).

Cascaes angustia-se com a perda das marcas históricas, sejam elas materiais ou imateriais, e procurou registrar de diferentes formas manuais as atividades da população da cidade de Florianópolis que estavam se extinguindo. Preocupado com a história, procurou trabalhar o conceito de verdade presente na arte moderna. Segundo Doctors, não há nada mais fluido do que a verdade e a única maneira da arte dar conta desta brandura é por meio do mito. Para Doctors “quanto mais mitificado mais próximo da verdade” (DOCTORS, 1990, p. 36).

A metodologia utilizada para a apreensão do mito em Franklin Joaquim Cascaes é a proposta por Durand, ou seja, a realização de análise do discurso do artista e da crítica por meio da mitocrítica, onde “sua aplicação revela a presença de mitos ou estruturas míticas que atuam inconscientemente na construção do sentido, influenciando, portanto, na aceitação ou rejeição da obra” (VARGAS, 2005, p. 70).

A mitocrítica formulada por Durand deve ser pensada como uma ferramenta, uma metodologia para análise ou crítica literária. Primeiramente, faz-se a identificação dos mitemas e em seguida contextualizaremos os mitos identificados no autor e no artista com o contexto no qual ele está inserido. Os mitemas e os mitos contribuem para a construção da identidade artística. De acordo com Vargas, a identificação dos mitemas como menor unidade, com sentido que compõe o mito, dá a significação mítica. E os mitologemas são a parte narrativa de um acontecimento importante do mito (VARGAS, 2010, p. 1). De maneira sucinta, podemos dizer que os mitologemas contam momentos importantes da vida do herói. Aqui, o artista e a repetição dos mitemas dão sentido à narrativa mítica.

Podemos observar a narração mítica presente nas críticas jornalísticas, em livros biográficos ou catálogos, e no próprio discurso do artista, por meio de entrevistas. Faremos assim a identificação argumentada dos mitemas que contribuíram para a construção da identidade artística de Franklin Joaquim Cascaes. Na leitura do discurso da crítica e do discurso do artista buscaremos perceber e compreender a influência da mitologia no processo de reconhecimento artístico.

De acordo com Vargas, são características e referências mitológicas estudadas por Mircea Eliade e Joseph Campbell: “nascimento frágil, precocidade, abandono e acolhida por um maestro, ao que supera em talento, ser um amante excepcional e provocador da inveja divina” (VARGAS, 1997, p. 64).

A presença do mítico em Franklin Joaquim Cascaes
Na criação de cada mito há sempre uma mensa-
gem moral e humana social.

(CASCAES, Manuscrito 411, p. 1)

A tese de Araujo, aqui estudada como uma publicação do ano de 2008, intitula-se *Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha*. O nome dado a este trabalho vem reforçar a presença do mito no discurso da crítica no reconhecimento artístico. Além de apontá-lo como maior mitólogo do sul do Brasil, Araujo apresenta Cascaes como proponente de um universo fantástico e define: “Elo entre hoje e ontem, Franklin Cascaes é o mito vivo da Ilha” (ARAUJO, 2008, p. 28).

A figura do artista é muitas vezes construída em cima do mito do herói. De acordo com Vargas, nos mitos podemos observar a ação heróica e o sofrimento como decorrência do castigo. Para o autor, na mitologia artística romântica ocorre o inverso: “o sofrimento ocorre primeiro, como uma garantia que ação subsequente será, de fato, artística. Quanto mais infeliz e sofrida a vida do artista mais ‘artística’ será sua obra!” (VARGAS, 2005, p. 76). Há aqui a sobreposição do mito do herói ao mito de artista e observando o discurso de Cascaes podemos encontrar referências que vão ao encontro ao mito do herói e ao mitema do nascimento frágil:

■ 122

É uma luta tão grande, muito grande, veja esta minha luta, que vem esses anos todos, da infância, procurando aperfeiçoar a arte, para trazer até aqui, não é, como foi difícil, eu vivi aqueles dias, ora o meu pai mal sabia ler, muito pouco, mas ele não transmitia pra ninguém porque ele, não entendia, apenas lia alguma coisa, muito rápido, a minha mãe pouco sabia ler também, só que a minha mãe, apesar de não saber ler criatura inteligente, criatura, foi ela justamente que encaminhou mais a gente para melhor parte da vida e assim a gente viveu trabalhando naquelas roças, para ajudar a sustentar os irmãos que eram vários (CD4 – ENTREVISTA 4 A)

Neste discurso podemos identificar a trajetória heroica marcada por traumas de infância; percebemos neste herói singularidades que imprimem o significado de excepcionalidade do artista. Cascaes é o herói de um tempo e de um espaço onde as circunstâncias são transformadas, modificando o cotidiano da população local. A obra de Cascaes constitui-se em um histórico pela preservação de temporalidades. O artista procurava valorizar e conservar a tradição que estava sendo esquecida com a modernização da cidade de Florianópolis. Seus dados biográficos ressaltam sua mitologia heróica. De acordo com Horn (HORN apud KRIZ & KURZ, 2006, p. 59), encontram-se dois exemplos básicos que aparecem com frequência nas biografias: o talento vidente desde a infância e a capacidade de imitar e transformar a natureza:

Aquelas coisas de olaria me influenciou muito porque eu já sabia que era no barro que se fazia aqueles trabalhos, então quando eu estava brincando com as outras crianças era sempre minha incumbência fazer essas coisas, fazer bichos de barro que era para botar na casinha fazer aqueles carrinhos de bois com rodas de laranja, os engenhos, montar, aquelas brincadeiras de carros de cavalos para fazer o batizado de bonecas, enfim.

Depois gostava também muito de fazer esculturas nas praias na minha terra querida

aquelas areias alvas fazia coisas lindas até os outros que estavam comigo, os colegas, eles gostavam de fazer castelos essas coisas e não acertavam mas eu estava sempre era fazendo, esculpindo pessoas, animais, peixes na areia, tudo aquilo que me rodeava ali no momento era a minha vontade, já castelo eu não gostava então ficava no cargo de criança fazendo forno, castelo uma porção de coisas que se fazia, naquelas areias daquela terra tão querida que foi o meu Itaguaçu e foi uma coisa interessante a vida ali, vida de pobre porém rica de ensinamentos naturais (CD 1 – ENTREVISTA 1 A).

O talento artístico reconhecido precocemente na infância traz a marca do herói. Araujo, em seu discurso nos apresenta o mito do herói no mito do artista quando nos fala que Franklin Cascaes é “o intérprete de um mundo a que ele próprio pertenceu e no qual ele viveu com a alma e com o sangue, mas é, ao mesmo tempo, o propositivo e o profeta de um novo mundo, dogma aberto ao sonho” (ARAUJO, 2008, p. 34).

Para Campbell existe uma sequência de ações heroicas típicas que podem ser detectadas em várias histórias: “um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião, uma nova cidade, uma nova modalidade de vida” (CAMPBELL, 1990, p. 145). Podemos dizer assim que Cascaes foi um fundador da pesquisa etnográfica convertida em arte em Florianópolis. Cascaes desenvolveu uma ampla capacidade para absorver, captar e interpretar o que lhe passava diante dos olhos e o que lhe chegava aos ouvidos. É admirável a insistência com que Cascaes lutou para conscientizar, conservar e divulgar o patrimônio histórico e cultural da população local. Identificando o mitema de entrega ao coletivo citamos a crítica Araujo que analisa que “sua obra não é a de um erudito, no sentido acadêmico, mas sim a de um homem do povo, inteligente e bem informado, que cultiva o sagrado dever de conservar e transmitir a cultura popular” (ARAUJO, 2008, p. 33 e 34).

A vida do herói é marcada por aventuras, e em Cascaes suas aventuras estão na sua busca por educação, aqui identificadas nos mitemas de aprendizado, formação e viagens. Como herói, Cascaes sente que algo está faltando em sua vida cotidiana, ele tem necessidade de novas experiências, de algo novo ainda a ser descoberto.

Tinha muita vontade de progredir, de estudar, queria muito estudar, tive até vontade de estudar para ser padre porque não tinha outro meio de estudar, quando me contavam que era fácil a gente ia para o seminário e depois saía, desistia, eu tive vontade, mas não tive oportunidade de arranjar (CD1 – ENTREVISTA 1B).

As viagens feitas pelos artistas também auxiliam na construção da significação mítica. Franklin Joaquim Cascaes percorria de baleeira, canoa, cavalo, carreta, furgão ou mesmo a pé o interior da Ilha de Santa Catarina, numa época em que a maioria das comunidades sequer possuía luz elétrica. Ao se deparar com uma realidade singular e bastante isolada do processo de desenvolvimento urbano, Cascaes motivou-se pela necessidade de registrar o dia a dia dessas comunidades e não poupou esforços. Anotava em seus cadernos e folhas avulsas histórias, rezas, hábitos e costumes das comunidades de pescadores e rendeiras do interior da ilha. Em fins dos anos de 1970, Franklin Cascaes esteve em Açores e na Ilha da Madeira. Para esta viagem elaborou um inventário de questões a respeito da vida e do modo de

viver dos açorianos, queria equipará-las ao modo de vida da população do interior da Ilha de Santa Catarina. Ele nos relata que não só as ações são parecidas, como também o modo de falar, como se estivessem assustadas. Isto quando contavam estórias de assombrações:

Eu cheguei a uma praia onde estavam reunidos muitos pescadores consertando redes, fazendo embarcações, aquela coisa. Então pedi licença, com o meu gravador, e eles contaram suas histórias, assustados. Um deles me disse o seguinte [...] “Eu tenho três miúdos”, disse ele, eles chamam as crianças de miúdos. “Eu tenho medo de falar, eu tenho medo porque as bruxas podem acontecer aos miúdos. Apesar de no portão da minha casa ter uma ferradura de cavalo”. Isso também acontecia aqui na Ilha. Pessoas que contavam, mas que tinham um certo receio de sofrer alguma vingança da bruxa, do lobisomen ou de boi-tatá. Por isso eles contavam assim meio assustados (CASCAES, 1988, p. 25).

Estas viagens constituíram bases sólidas para sua formação e constatação de suas pesquisas, ampliando seu campo de aprendizagem e experiência, pois Cascaes sempre foi um estudioso. Para verificação desta informação observamos o que nos diz o artista: “Então fui fazendo assim, fui trabalhando muito, depois, depois que eu estudei muito artes lá pra escola, estudei muito pintura e essa coisa toda, desenho” (CD 4 – ENTREVISTA 4B).

O registro feito pelo artista Franklin Joaquim Cascaes na forma de escritos, desenhos e esculturas é grandioso e diversificado, é uma parcela significativa da cultura do litoral catarinense que se encontra retratada na sua obra. O estudo intenso é um mitema identificado em Cascaes:

Cada época tem um modo peculiar de se exprimir. Esta arte pertence a outra geração. É o pesadelo da vida moderna. Quem escreve, pinta ou compõe sem verdadeira vocação é melhor abster-se afastar-se disso pois nunca passará de um medíocre. [...] Nada evidencia tão bem esta falta. Construir uma ponte viva entre o presente e o passado, ou entre o antigo e o moderno. A arte não é privilégio de alguns mas sim resultado de muitos anos de intensa observação e constância e culturação. Vamos estudar as técnicas de todas as artes desde o desenho a pintura e a escultura. Estas obras são resultado de muita luta de mestre escapricionais . Se não conhecerdes bem o vosso passado não alimenteis a esperança de construir solidamente para o futuro (CADERNO 99, p. 16).

Uma vez identificados os mitemas “os mitos passam a ser identificados e sua presença e relação na trama recebem as demais etapas de contextualização, vinculando-os com o autor e com o contexto social” (VARGAS, 2010, p. 2). Cascaes tem uma trajetória que nos emociona, pois embora possamos perceber características míticas neste artista, não nos deixamos esquecer que Cascaes é humano e sofre como todos nós, e “quanto maior o sofrimento e a solidão no exercício do empenho da busca da verdade, maior é o artista do início da arte moderna” (DOCTORS, 1998, p. 37). Percebemos em Cascaes a herança mítica romântica da solidão:

Pra mim amigo artista, a arte é um caminho inato colocado na vida de alguns indiví-

duos pelo Creador do Universo e o verdadeiro artista é solitário, mas de dentro dos caminhos da sua solidão arranca os frutos dos acontecimentos regionais do seu tempo e o entrega as massas para que elas o conduzam de geração em geração como um dos mais verdadeiros testemunhos da verdade dos vestígios da humanidade através da passagem dos tempos (MANUSCRITO 262).

Os primeiros registros sobre atividade artística de Franklin Joaquim Cascaes são de 1946, “Comecei a fazer este trabalho em 1946, quando tinha 38 anos [...] Comecei com dificuldade, porque era professor” (CASCAES, 1988, p. 22). Para Durand, devido ao sucesso das ciências e das técnicas “o artista tornou-se um maldito” (DURAND, 1998, p. 28). Cascaes tem a marginalização como uma prática, e o sofrimento como um recurso, mas ainda assim era conhecido como o “bruxo da ilha”, ou, como a autora Adalice Maria do Araujo coloca em título, “o mito vivo da ilha”. Podemos observar certa dose de sofrimento e apelo ao trágico em seu discurso:

Fiz o meu trabalho sempre às expensas, nunca ninguém me auxiliou. Mesmo que eu pedisse, ninguém me auxiliaria. Pedir a quem? Ao governo? Não, porque eles não se moviam por isso aí. Nunca compreenderam. E hoje, apenas da parte da Universidade: mas da parte do governo, não. Ali só lidei com gente carregada de diploma, mas, coitados, precisam ganhar dinheiro. Fiquei desanimado, fiquei apavorado em saber que a situação do Estado... ainda é a mesma (CASCAES, 1988, p. 23).

125 ■

Há em Cascaes um despedaçamento interno, incômodo no mundo, busca religiosa da arte, comprometimento radical com o registro das transformações que ele percebia ameaçando o cotidiano e o conhecimento popular dos habitantes da ilha, que corriam o risco de não serem lembradas pelas futuras gerações. Mais uma vez podemos perceber no discurso de Adalice o mitema de entrega ao coletivo: “Ele próprio, descendente de açorianos, foi, por vivência e estrutura, o depositário da cultura ilhoa, traduzida numa delirante fantasia, que converteu sua existência de homem mito-poético em dogma”. (ARAUJO, 2008, p. 27). Ainda em Araujo podemos encontrar o mitema de acolhida por um mestre, quando ela nos coloca que Cascaes:

Começa a manifestar a inclinação para realizar trabalhos monumentais, o que leva a esculpir nas areias da praia. Foi justamente esculpindo na areias de Itaguaçu que foi descoberto pelo engenheiro Cid Rocha Amaral, diretor da Escola de Aprendizagem e Artífices de Santa Catarina (ARAUJO, 2008, p. 112).

De acordo com Vargas, “estes mitemas auxiliam os artistas a aceitarem com mais naturalidade as dificuldades (econômicas, de convívio social, políticas, etc) de sua profissão (escolha de vida).” (VARGAS, 2005, p. 80).

A atividade artística tem que ser pura, isto é o mítico, e “Cascaes impõe-se como um dos mais puros artistas do sul [...] Diante da natureza e dos seus mistérios, ele conserva uma surpreendente pureza infantil” (ARAUJO, 2008, p. 32). A presença do mito está na concepção de arte, fé que o artista tem nos ideais da razão. É aqui que encontramos a mística, num dado momento da história cultural. Os conteúdos culturais se inserem e reconhecem o indivíduo enquanto artista.

Por meio deste trabalho percebemos como o artista Franklin Joaquim Cascaes

construiu-se enquanto imagem e como os outros o veem: “É verdade que, mais do que ingenuinamente, ele representa pureza plástica. É como um puro que Cascaes dá uma sólida vida à imaginação” (ARAUJO, 2008, p. 32).

Pode-se dizer que há dois momentos na identificação artística de Franklin Cascaes: antes de sua vinda para o Museu Universitário, e depois de estar ali estabelecido. Foi na Universidade Federal de Santa Catarina que realizou sua viagem para os Açores, procurando lá relações com o homem que habitava Florianópolis, que até então sempre tratou por “ilhéu”. Num momento de luta pela hegemonia cultural em Santa Catarina, observam-se referências ao açoriano na obra de Franklin Cascaes. No momento da presença de Franklin Cascaes na Instituição – Museu Universitário/UFSC, há a publicação do livro de Adalice Araujo, “Mito e magia na arte catarinense”, e a entrevista com Raimundo Caruso que deu origem a “Franklin Cascaes: vida e arte e a colonização açoriana”, autores onde podemos encontrar a presença da mística em seus textos na análise da obra e do artista Franklin Joaquim Cascaes. Hoje reconhecido por artista, pode-se considerar, por fim, a proeminência que sua obra tem no cenário de Santa Catarina.

Referências

■ 126

ARAUJO, Adalice Maria de. **Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha** (mito e magia na arte catarinense). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: historia de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CASCAES, Franklin. **Vida e arte e a colonização açoriana**. Entrevistas concedidas e textos organizados por Raimundo C. Caruso. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

CASCAES, Franklin Joaquim. Entrevista [jul. 1980]. Entrevistador: COELHO, Gelci José. Florianópolis, 1980. **CD 1 – Entrevista 01 A**. Acervo do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC.

CASCAES, Franklin Joaquim. Entrevista [jul. 1980]. Entrevistador: COELHO, Gelci José. Florianópolis, 1980. **CD 1 – Entrevista 01 B**. Acervo do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC.

CASCAES, Franklin Joaquim. Entrevista [jul. 1980]. Entrevistador: COELHO, Gelci José. Florianópolis, 1980. **CD 4 – Entrevista 04A**. Acervo do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC.

CASCAES, Franklin Joaquim. Entrevista [jul. 1980]. Entrevistador: COELHO, Gelci José. Florianópolis, 1980. **CD 4 – Entrevista 04 B**. Acervo do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC.

CASCAES, Franklin Joaquim. **CADERNO 99**. Sem data. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin Joaquim. **MANUSCRITO 262**. Sem data. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

CASCAES, Franklin Joaquim. **MANUSCRITO 411**. Sem data. Florianópolis. Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral /UFSC.

DOCTORS, Marcio. A verdade e o sujeito. **Revista guia das artes**, São Paulo, Ano 4, n. 18, p. 34-40. 1990.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1986.

HORN, Maria Lucila. **Mito de artista o discurso da cultura**. 2006. Dissertação. 114 pgs (Mestrado em Educação e Cultura), Centro de Ciências da Educação – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: < http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1005>. Acesso em: 29 abr. 2010.

127 ■

NADER, Raúl Fernando. **Mito, mistério e destino humano**. Universidade Nacional de Tucuman, s/d.

VARGAS, Antonio. Do valor da prática a prática de valor. **Revista de educação e processos inclusivos**. Ponto de vista n. 6/7. p. 11-25. Editora da UFSC, 2004-2005, SC. Disponível em: < http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_0607/02_vargas.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2010.

VARGAS, Antonio. Apontamentos para o estudo da identidade artística. **Urdimento**, Revista de Pós-Graduação em Artes Cênicas. n. 7. PPGT-UDESC. 2006. EdUDESC, SC. p. 75-82. Disponível em: < http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2005/urdimento_7.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2010.

VARGAS, Antonio. Antropologia simbólica: Hermenêutica do mito do artista nas artes plásticas. In: BULLHOES, Maria Amélia (Org.org) **As questões do sagrado na arte contemporânea da América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS – Programa de Pós Graduação – Mestrado em Artes Visuais, 1997. p. 55-67.

VARGAS, A.C. **Mitologia e identidade**: uma análise da presença de mitemas heróicos nos discursos de artistas e críticos. Projeto de pesquisa. Centro de Artes. UDESC. Disponível em: <www.ceart.udesc.br/revista_da_pesquisa/volume2/numer2/plasticas/Vargas%20-%20mitologia.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2010.

VARGAS, Antônio. O mito do herói na interpretação das práticas artísticas. In: ENCONTRO – CULTURA VISUAL E DESAFIOS DA PESQUISA EM ARTES. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS- ANPAP, 14., 2005, Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2005. v. 1, p. 70-83.